

Por uma história do presente Turismo e Natureza na ilha de Santa Catarina

..... Leonora Portela de Assis*

R e s u m o

O turismo, como todo fenômeno internacional, ocasiona transformações aceleradas – positivas e negativas – na espacialidade, na cultura e na dinâmica econômica das localidades. Esta é uma história do tempo presente que busca dar visibilidade a este movimento na ilha de Santa Catarina através da leitura dos planos municipais para o setor; dos embates ideológicos – já que o cenário envolve questões de ecologia também – em evidência nas preocupações da atualidade – e das experiências dos nativos.

Palavras-Chave: Turismo, natureza, políticas, experiências, presente

A b s t r a c t

Tourismo, like every international phenomenon, causes rapid transformations positive and negative – in the space, the culture and the economic dynamics of the locality. This is a history of the present time that seeks to give visibility to this movement on Santa Catarina Island through the reading of municipal plans for the sector through ideological clashes inasmuch as the scenario involves ecological issues that are also so much in evidence in the world today – and also through the experiences of the natives.

Key words: tourism – nature – politics – experiences – present.

*"A história do presente é primeiramente e, antes de tudo, história"¹
"O domínio do homem sobre o mundo animal e vegetal foi e é, afinal de contas, uma precondição básica da história humana. A forma como ele racionalizou e questionou tal domínio constitui um tema vasto e inquietante, que nos últimos anos recebeu bastante atenção por parte de filósofos, teólogos, geógrafos e críticos literários. O assunto tem igualmente muito a oferecer aos historiadores, pois é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas."²*

* Leonora Portela de Assis – Licenciada e Bacharel em história pela UFSC. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. Orientadora: Professora Doutora Cristina Scheibe Wolff

¹ Citação sem referência na abertura do livro CHAUVEAU, A. (org.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999

² THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural – mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 19

Pesquisar a história no seu acontecer é uma tarefa de fato muito envolvente. As fontes estão acessíveis, não há grandes mistérios quanto à interpretação da linguagem: símbolos e signos são conhecidos. A história do presente suscita crescente interesse e inúmeros debates, cujos objetivos são o de definir uma metodologia, fundamentos e princípios deste novo enfoque historiográfico. Justifica-se pela vontade de entender e reagir aos impactos das transformações aceleradas das últimas décadas. Relacionada frequentemente ao imediatismo jornalístico, por fazer uso de métodos como os depoimentos orais, possui todavia especificidades³.

A história sobre os planos, as ações e as experiências referentes ao turismo e à natureza, cujo cenário é esta ilha, constitui-se, sem dúvidas, numa história do tempo presente, pois dirige o olhar para as últimas três décadas. O interesse pelas discussões sobre o meio ambiente, que também há menos de meio século iniciou sua caminhada e já conseguiu consolidar posições, cria a ambientação desta pesquisa. Se por um lado as facilidades são grandes, por outro, seu grande desafio é dar sentido a inúmeras leituras, aparentemente distantes. Relacionar o surgimento de uma nova sensibilidade face à natureza confrontado à dinâmica do fazer turístico pensada e estabelecida em Florianópolis⁴, com um universo tão diversificado de temas como utopia, poder e representação, é a tônica deste ensaio. Esta busca de sentido entre textos, aparentemente distantes, demonstra a preocupação em dar visibilidade a um forte movimento sócio-político e econômico, iniciado nos primórdios deste século, e caracterizado como fenômeno nos anos 70, como nos explica Sérgio Luiz Ferreira, no capítulo *O sonho de fazer da Ilha um centro de turismo: o banho de mar se populariza em Florianópolis*, em seu livro *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina*⁵:

“Da década de 1970 em diante, o turismo, o turista, empreendimentos turísticos, incentivos e políticas de turismo passaram a fazer parte do cotidiano da ilha, embora tardiamente em relação às praias do Norte do Estado. A abertura e asfaltamento da BR 101 foi o grande fator que impulsionou o turismo na Ilha de Santa Catarina, (...)”⁶

Natureza e turismo, uma combinação relevante, em tempos de profundo apelo ao respeito pelo meio ambiente; e momento no qual, não seria ousado afirmar que viajar é um dos grandes prazeres do homem. A compreensão do turismo pela história é um tema que nos remete às recentes reflexões sobre a dinâmica da sociedade do lazer, muito discutida por Joffre Dumazedier em seus livros: *Lazer e Cultura Popular*⁷ e *Sociologia empírica do lazer*⁸. O autor desenvolve um raciocínio ligado à sociedade industrial e às conseqüentes aquisições trabalhistas, dentre elas o tempo do não-trabalho – que se

³ O objetivo deste artigo não é o de alongar-se na discussão sobre a história do tempo presente e sua busca epistemológica. Para aprofundar questões sobre o assunto, vale conferir as reflexões e definições no livro: CHAUVEAU, A. (org.). *Op. Cit.*

⁴ Esta pesquisa, como já foi dito, refere-se à ilha de Santa Catarina, todavia farei uso genérico de Florianópolis.

⁵ FERREIRA, Sérgio Luiz. *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998

⁶ Idem, p.111

⁷ DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973

⁸ _____ . *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1973

torna uma busca pelo fazer no tempo livre, opondo-se ao ócio. Fala também sobre os efeitos da urbanização, que instiga esta busca. Atualmente percebemos cada vez mais uma procura pelo pitoresco e pelos estímulos ausentes na correria dos centros urbanos – a natureza prioritariamente: a praia, o ambiente rural, os esportes radicais (geralmente na natureza), as reservas e parques (unidades de preservação ambiental), as florestas – dentre outros. Aqui seria interessante ressaltar o livro de Raymond Williams: *O Campo e a Cidade*⁹, que descreve e analisa as imagens e as associações destes dois “mundos” através de experiências históricas variadas – alertando a todo momento sobre as diversas formas de campo e cidade. Há também o livro de Antônio Carlos Diegues: *O Mito Moderno da Natureza Intocada*¹⁰, que nos mostra como os sujeitos da modernidade precisam criar espaços, mitos e representações simbólicas da natureza – parques, reservas e outros – para ser admirada e preservada.

Florianópolis dispõe da dupla natureza e turismo, a natureza é aqui o maior chamariz ... Capital turística do Mercosul, tão exaltada por suas belezas naturais: praias, matas, dunas, fauna e flora, vive, entretanto, contradições neste fazer turístico - que se apresenta, cada vez mais, como a “verdadeira e única” vocação econômica da cidade e elemento de desenvolvimento. Tais contradições, como, por exemplo, a falta de saneamento, comprometendo a qualidade da água, não são apenas fruto da rapidez que impossibilita a reflexão e o planejamento, como estamos habituados a escutar e pensar, mas inseqüência de profissionais que, por descaso e comodismo, fazem vistas grossas às exigências ambientais, pois inúmeras vezes não são fiscalizados – este imediatismo proporciona lucros a curto prazo.

Há, por outro lado, os que se preocupam de bem perto com um turismo menos agressivo à cultura dos povos nativos, à natureza; assumindo como prioritária a formação dos “fazedores de turismo” e dos que pretendem ser. O trabalho de Dóris Ruschmann, em *Turismo e Planejamento Sustentável*¹¹, aponta caminhos para um reencontro harmonioso no espaço natural, discutindo o desenvolvimento do turismo e a sustentabilidade dos recursos. Pretendo ressaltar que a adoção de tais reflexões e atitudes se encontra geralmente atrelada à uma orientação política e a um projeto pedagógico de “alfabetização” neste novo olhar, numa nova sensibilidade. As orientações e projetos políticos para o fomento do turismo em Santa Catarina, sobretudo em áreas naturais, como é o caso de Florianópolis, estão repletos de contradições que busco ressaltar.

Assim sendo, meu objetivo nesta pesquisa é mostrar e discutir algumas diferenças de sensibilidades turístico-ecológicas de moradores da ilha através das respectivas “falas”, sempre pensando no tempo “atual”. Abordarei estas contradições do discurso político tentando adequar-se a uma nova sensibilidade – o turismo em áreas naturais –; o discurso ambientalista, cujo olhar crítico explicita uma oposição aos planos municipais delineados; e sobretudo a experiência de famílias nativas que substituíram seu cotidiano para viver desta “promissora” atividade, focalizando a chegada do turista que transforma sua espacialidade, seus hábitos e seus costumes.

⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade – na literatura e na História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989

¹⁰ DIEGUES, Antônio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: HUCITEC, 1996

¹¹ RUSCHMANN, Dóris. *Turismo e Planejamento Sustentável – a proteção do meio-ambiente*. Campinas/SP: Papirus, 1997

Para alcançar tais metas, a leitura dos planos para o turismo de algumas administrações na prefeitura de Florianópolis mostra-se fundamental, sobretudo nos últimos dez anos, quando aparece de forma mais clara o segmento ecoturismo – há mais discurso do que prática. Pretendo recorrer aos jornais com o mesmo intuito: verificar ambos os escritos e seus possíveis diálogos, certamente conflituosos. É uma maneira de dar visibilidade às contradições e de mostrar os embates ideológicos sobre o tema. Finalmente, através da história oral, única forma de captar a experiência dos nativos, que muito têm a dizer sobre o fazer turístico aqui na ilha, espero documentar e analisar a troca de atividade econômica e suas conseqüências para estas famílias – algumas positivas, outras nem tanto.

Excluo o continente, não por considerá-lo pobre em natureza, pelo contrário, mas como já foi dito, por serem, os recursos naturais da ilha, um grande atrativo turístico, reconhecido internacionalmente, visto o número de argentinos – entre outros estrangeiros – que veraneiam nestas praias. Este turismo constitui-se como um dos usos da natureza que o Homem faz na atualidade, e aos quais procuro abordar.

Então, como poderíamos tecer uma relação entre Utopia, Poder, Política, Representação, Memória e o crescente interesse pelo Turismo em áreas naturais e, de forma mais abrangente, pela Ecologia? A história do tempo presente solicita a mistura de teorias, e o projeto desta história aqui relatado possui um nítido “efeito de geração” (uma das especificidades da história do tempo presente), ou seja, o historiador trabalha sobre acontecimentos que presencia: é muito claro, na atualidade, o interesse pela compreensão do papel da natureza em nossas vidas. Em *O Homem e o Mundo Natural*¹², de Keith Thomas, o autor nos revela um rico campo de investigação ao analisar a relação do Homem e o Mundo Natural, aborda o surgimento de novas sensibilidades, onde a visão sobre as plantas e os animais, ao longo da modernidade na Inglaterra – entre o século XVI e o final do XVIII – vai se transformando.

Sua leitura fortalece o sentimento de que a natureza tem sido cada vez mais objeto de atenção, permeando inúmeros discursos e promessas políticas, delineando novas opções de lazer e entretenimento, breve, definindo estilos de vida. Juntamente com Habermas em *A Nova Intransparência*¹³, a pesquisa se nutre de argumentos com o intuito de persuadir os leitores de que os historiadores têm muito a oferecer no estudo sobre a transformação dos olhares face ao mundo natural. O momento é oportuno, já que vivenciamos uma fase de transformação cultural ao construirmos novas práticas para com a natureza, novos referenciais – paradigmas – surgem, e devemos ter muita cautela ao discuti-los, pois certamente formarão opiniões, atitudes e guiarão condutas.

É este o ponto chave em Habermas: uma oposição ao sentimento generalizado de esgotamento utópico na consciência histórica. Sua análise parte para a sensação atual de perda da dimensão de futuro: nossas atitudes estão previstas em códigos, não há

¹² THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural – mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia das Letras, 1988

¹³ HABERMAS, Jürgen. *A nova intransparência – a crise do estado de Bem-Estar Social e o esgotamento das energias utópicas*. Novos Estudos CEBRAP, nº 18, setembro de 1987, pp. 103 - 114

mais espaço para as ações coletivas. Há um grande perigo, perdemos contato com o pensamento utópico que erroneamente é atrelado ao “potencial de uma sociedade do trabalho”. Seu otimismo é justamente a ênfase dada a um esgotamento bem particular e não ao fim da(s) utopia(s).

“Na cena intelectual alastra-se a suspeita de que o esgotamento das energias utópicas denuncia não apenas um dos estados de ânimo passageiros do pessimismo cultural, mas toca mais fundo. Ele poderia denunciar uma transformação da moderna consciência do tempo em geral. (...) Talvez a consciência histórica se des-carregue de suas energias utópicas: assim como no fim do século XVIII, com a temporalização das utopias, as expectativas no paraíso imigraram para a vida terrena, hoje, duzentos anos depois, as expectativas utópicas perderiam seu caráter secular e readotariam uma forma religiosa.

JULGO INFUNDADA ESTA TESE DO SURGIMENTO DA PÓS-MODERNIDADE. Nem a estrutura do espírito de época, nem o modo de debater as futuras possibilidades de vida se modificaram: nem as energias utópicas em geral retiraram-se da consciência da história. Antes pelo contrário, chegou ao fim uma determinada utopia que no passado, cristalizou-se em torno do potencial de uma sociedade do trabalho”¹⁴.

A intransparência, tão presente nas cidades, é a possibilidade de descartar o convívio coletivo, caso não o queiramos: é o regime da indiferença incutido pelo neoliberalismo. Para romper com a sensação de egoísmo, indiferença e afastamento, devemos perceber que as utopias – conceitualizadas erroneamente como “luta política de todos contra todos”¹⁵, devem ser tomadas como “projeto de possibilidades alternativas de vida, que devem estar potencializadas no próprio processo histórico”¹⁶.

Então, a militância ambiental – proposta por diversas áreas: turismo, planejamento urbano, direito, geografia e etc... - almeja um certo equilíbrio entre o Homem e o Mundo Natural. É uma utopia de atuação política e que tem aglutinado preocupações, vemos o desejo do fim da fragmentação das disciplinas – a interdisciplinaridade. Ilustrando tais construções de novas práticas, recorro às palavras, verdadeiros indicadores de opiniões e tendências. Nunca se falou tanto em *educação ambiental* como na atualidade. Há, entre as novas práticas que se constroem, um novo fazer turístico que ganha força e cuja influência vem através do *ecoturismo*, debatido por especialistas, procurado por um público cada vez mais crescente e estruturado por profissionais – antes considerados amadores ... O ambientalismo, que cada vez mais influencia grande número de atividades, é uma das utopias que vislumbra soluções para um bem-estar coletivo e que respeita diferenças. O pensamento de Habermas é uma possibilidade de conduta a ser tomada, afinal “com

¹⁴ Idem, p. 105

¹⁵ Ibidem, p. 104

¹⁶ Ibidem, p. 104

*o abandono dos conteúdos utópicos da sociedade do trabalho, não se acaba, de modo algum e em geral, a dimensão utópica da consciência histórica e da disputa política*¹⁷.

O fim das utopias explica-se também pela burocratização da vida, a previsibilidade nos encaminha a uma indiferença - tão real em nossa sociedade. Este ciclo é possível de ser quebrado? Um caminho, uma possibilidade está presente nas ações coletivas que desejam provar que há algo a argumentar, a ser transformado. A essência desta postura saudável e perturbadora de inúmeros movimentos sociais, como a militância feminista, o ambientalismo, dentre outros, encontrei no intrigante o Dissenso¹⁸, de Jacques Rancière. Através de uma habilidosa leitura da origem e do funcionamento da democracia - conflituosa, porém saudável - detecta, com certo pesar, o fim destes conflitos que geram transformações. A apologia ao consenso marca a extinção de se discutir as possibilidades, *"prometem uma paz que não podem manter"*¹⁹; *"(...) a sabedoria não é mais querer, é conformar-se. (...) O consenso quer suprimir a política, seu povo e seus litígios arcaicos"*²⁰. O que explicaria a atual intolerância étnica, afinal não há mais espaço para a diferença se exprimir como igual. Então, nos propõe que pensemos a prática política pelo viés do dissenso *"uma invenção que faz com que se vejam dois mundos em um só"*, *"não é um conflito de pontos de vista, nem mesmo um conflito pelo reconhecimento, mas um conflito sobre a constituição mesma do mundo comum, sobre o que nele se vê e se ouve"*²².

Outro ponto que exige cautela é a naturalização dos conceitos e das verdades. Inspirada por Margareth Rago, que com grande astúcia vê e apresenta muita sexualidade na construção da identidade brasileira (cf. Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira - M. Rago) - eu vejo muito verde ... O Brasil, desde que foi imaginado pelos conquistadores europeus, sempre foi contado e representado como a terra das Matas Virgens, do verde abundante e exuberante - exemplo deste fenômeno é a coleção da Expedição Langsdorf - a aventura que desenhou o Brasil²³. Nossa natureza exercia fascínio - atraía estudiosos ávidos por captá-lo: temos relatos, pinturas, coleções de fauna e flora. Incompreendido e desejado inúmeras vezes em seu exotismo natural, símbolo de riqueza incontestável - inclusive na atualidade - infeliz paradoxo que explica grande parte da destruição de sua vegetação.

Se há um senso comum sobre o "Brasil verde" - observemos por exemplo a cor predominante em nossa bandeira - é preciso desconstruí-lo, dessacralizá-lo, para podermos entender quais mecanismos formataram esta idéia. Foucault entra, então, em cena com grande importância, pois desnaturaliza a ordem elementar da reflexão social - propõe que o pesquisador deve revelar *"as imbricadas teias de sua constituição e naturalização"*²⁴. Neste caso, seu conceito de emergência - onde certas práticas dão

¹⁷ Ibidem, p. 114

¹⁸ RANCIÈRE, Jacques. *O Dissenso*. In: Aauto Novaes (org.) *A Crise da Razão*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, pp. 367 - 383

¹⁹ Idem, p. 382

²⁰ Ibidem, p. 380

²¹ Ibidem, p. 375

²² Ibidem, p. 374

²³ *Expedição Langsdorf - A aventura que desenhou o Brasil*. In: Revista Terra, ano 7, nº3, março de 98, pp.30-35

²⁴ RAGO, Margareth. *O efeito-Foucault na historiografia brasileira*. In: Tempo Social: Ver. Sociologia da USP, São Paulo, 7(1-2): 67-82, outubro de 1985, p. 74

visibilidade e dizibilidade para diversos campos - também é de grande utilidade. Não é por acaso que falamos tanto em ecologia, em proteção ambiental, enfim, nas atuais relações que o Homem constrói com o Mundo Natural. Acho impensável dissociar a Natureza do Homem, assim, partir das práticas para falar dos sujeitos parece-me convidativo. Como se constituiu, ou está se constituindo o Homem ecológico, ambientalmente e politicamente correto? Nunca se falou tanto em meio ambiente (praticamente todos os setores estão envolvidos) como se fala hoje em dia - tais acontecimentos têm no máximo três décadas. Em 1971, pela primeira vez, ativistas partem do Canadá para chamar a atenção sobre testes atômicos realizados pelos Estados Unidos no Alasca: nasce o Greenpeace.

Pensar o discurso ambientalista como instituinte de atitudes, é desnaturalizar o senso comum, entendendo o sujeito como efeito. Quais discursos constroem os vários conceitos que já foram aqui usados sobre a natureza: ecologia, meio-ambiente, sustentabilidade, dentre outros? "o filósofo (Foucault) insistia na idéia nitscheana de que 'tudo é histórico', e portanto de que nada do que é humano deve escapar ao campo de visão e de expressão do historiador"²⁵. Exemplificando outro ponto no pensamento foucaultiano: a singularidade faz a história e não a regularidade, recorro à explicação dada por Warren Dean, em sua obra sobre a Devastação da Mata Atlântica²⁶. Somente nos anos 80, com o *restabelecimento dos direitos civis no país, uma imprensa sem censura e a liberdade de associação*, foi possível repensar as políticas ambientais - *a cidadania estava reassumindo, efetivamente, responsabilidade plena por seu patrimônio nacional*. É neste contexto de reestruturação das práticas sociais que surge o movimento ecológico. Eduardo Viola²⁷ propõe uma análise do desenvolvimento do movimento ecológico. Apresenta algumas datas que demonstram a emergência e a estruturação do discurso ambientalista no mundo e no Brasil: em 1972 acontece a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente; em 1974 surgem, no Brasil, algumas associações ecológicas como o "Movimento Arte e Pensamento Ecológico" de São Paulo e a "Associação Gaúcha de Proteção ao ambiente Natural"; e em 1986 oficializa-se a criação do Partido Verde no Brasil. Todavia, a grande repercussão nacional acontece no Rio de Janeiro com a ECO 92, cuja visibilidade foi de âmbito internacional. Saliento, então, que contrariamente a outros movimentos sociais da época, sobretudo os que pensavam o mundo do trabalho, a militância ambiental, o desejo de estabelecer um outro e novo contato com o mundo natural aumentou. Vemos hoje um incontável número de ONG's - Organizações Não Governamentais - preocupadas com a proteção do meio ambiente e seu uso "manejado".

O conceito de representação também me é de grande valia. Outras representações chamam a atenção nesta reflexão sobre o amadurecimento da pesquisa que proponho para esta dissertação. É o caso particular do Brasil estar sendo, para o turismo, representado como verde, ecoturístico.

Assim, reflexões sobre representação não poderiam passar despercebidas. Geradas em nossa própria experiência cotidiana, *as representações sociais descrevem, explicam e*

²⁵ idem, p. 70

²⁶ DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo - A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 1996

²⁷ VIOLA, Eduardo. *O Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica*. In: Pádua, José Augusto(org). *Ecologia e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987

prescrevem. Elas fornecem um "manual" para interpretar a realidade, dominar nosso meio e nos conduzir em sociedade²⁸. É através da escola, da televisão e também do lazer que aprendemos esta nova postura face à natureza, este novo olhar que esperam de todos nós: curioso, atento e respeitoso. Olhar presente nas mais diversas práticas cotidianas:

"O bom gosto hoje não é mais o sinônimo de quem é rico, tem casa bonita ou mora num lugar importante. Dinheiro não é mais importante. (...) Simples, verde e verdadeiro. Você pode ter bom gosto, mesmo que seja filho da pessoa mais simples do mundo. Chique é uma casa simples onde há uma horta, recheada de flores e plantas. Belo é plantar, ensinar seus filhos a plantar coisas, ficar todo rodeado de verde. O respeito com a natureza é bom gosto. Você pode morar na periferia, mas ter uma casa toda cheia de vasinhos e coisas da natureza (...)"²⁹

É o que nos mostra Denise Jodelet em *Les Représentations Sociales*³⁰, e cuja postura comungo. Alguns trabalhos sobre a compreensão das representações sociais afirmam que as representações são conjuntos complexos e coordenados de elementos tais quais as informações, atitudes, imagens, dentre outros; e repousam sobre temas aparentemente sem alguma conexão, como, por exemplo: justiça, saúde, cultura, ensino, etc ...

É com *Memória Cidadã*³¹ e *Entre a Preservação e a Destruição*³² que procuro concluir, uma vez que me fez pensar quão difícil é mudar a prática da destruição, ou seja, da preponderância do homem sobre a natureza – seu vício de imposição. Este movimento de conscientização da importância do patrimônio cultural urbano deseja, acima de tudo, demonstrar que "cada cidadão brasileiro é de algum modo condômino dos bens de valor histórico e artístico existentes no país"³³. Estendo a afirmação para os bens naturais e culturais, salientando que há na atualidade todo um esforço acompanhado de longos debates pela preservação, de bens materiais e imateriais.

Aqui na ilha de Santa Catarina, uma grande parte da população nativa vive em constante dilema: como fonte de renda, vendem suas terras e as vêm ser loteadas e especuladas, sua tranquilidade muitas vezes ameaçada; e portanto dedicam-se à vinda do forasteiro que traz uma alternativa à dura vida de pescador. Vinda sazonal, irregular, encorajada pelos poderes públicos e que é, na maioria dos casos, causadora de desequilíbrios ao meio natural e nem sempre suficientes para a subsistência.

²⁸ Traduzido de: JODELET, Denise. *Les Représentations Sociales – regard sur la connaissance ordinaire*. Sciences Humaines, n° 27, avril 1993

²⁹ BERGAMIN, Sig. *Chique é o puro, o simples – O manifesto apaixonado de um arquiteto que reflete sobre o caminho para o bom e o belo*. In: Ícaro Brasil – revista de bordo Varig. N° 161, 1997

³⁰ JODELET, Denise. *Les Représentations Sociales – regard sur la connaissance ordinaire*. Sciences Humaines, n° 27, avril 1993 – indicado na bibliografia da profª Loiva Otero Félix

³¹ SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *Memória Cidadã – História e Patrimônio Cultural*. Anais Mus. Hist. Nac., Rio de Janeiro, v. 29, p. 1-290, 1997

³² *Memória Cidadã – História e Patrimônio Cultural*. Anais Mus. Hist. Nac., Rio de Janeiro, v. 29, pp. 37 - 55, 1997

³³ Idem, p. 39

A discussão sobre o turismo que se planeja para a cidade é, dentro do tempo presente, antiga. A questão repercute, pois como conciliar desenvolvimento com preservação cultural e ambiental? A procura por esta resposta cria uma verdadeira atmosfera de embate ideológico, onde, sem dúvidas – e cada qual com suas convicções - as inúmeras vozes militam por uma ilha melhor, defendendo seus interesses ora pessoais ora coletivos.

*“Nunca se falou tanto na vocação turística de Florianópolis como agora. Inúmeros artigos são publicados apontando o turismo como prioridade para a nova administração que deverá assumir em 1993. Único ponto de convergência entre candidatos da situação e da oposição, pesa sobre o turismo a responsabilidade de um provável progresso para a cidade. O dicionário Aurélio define turismo como “ o conjunto de serviços necessários para atrair o turista e dispensar-lhe atendimento ...”. É aí que surge a grande questão: que turista é esse que nos interessa? Respondida esta pergunta, como fazer para atraí-lo? Uma vez aqui, como satisfazê-lo para que volte? (...)”*³⁴

³⁴ D'OREY, Fred. Surfe e Vocação Turística. Diário Catarinense, 22 de julho de 1992, p.03, Biblioteca Pública do estado de Santa Catarina.